

“Tem que morrer pra germinar”

Dora Musetti de Campos

Resumo Partindo do aporte teórico psicanalítico, busca-se destacar aquilo que é típico do sujeito melancólico e estabelecer paralelos com o Brasil. Entende-se que o país é palco de uma violência estrutural que incorpora a morte, considerando especialmente o genocídio sistemático de uma parcela da população. Objetiva-se edificar uma reflexão metafórica a partir de uma escuta sociopolítica, iluminando, assim, determinados caminhos.

Palavras-chave violência estrutural; morte; melancolia; incorporação; luto; introjeção.

Dora Musetti de Campos é formada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Aluna do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae no curso Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea.

Superado o luto, perceberemos que a nossa elevada estima dos bens culturais não sofreu com a descoberta da sua precariedade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de modo mais duradouro do que antes.¹

O trabalho como escuta(dor) acaba afinando os ouvidos e tornando-os sensíveis até quando a vontade é de silêncio. A dor que venho escutando aponta para uma melancolia que tem, como hospedeiro cansado, o Brasil. Não pretendo reduzir a complexidade de uma nação à mera categorização nosográfica: pelo contrário, abordo a melancolia do Brasil somente enquanto dor que hoje me soa alta. Outras dores são absolutamente possíveis de serem escutadas e, tal qual o sujeito, uma nação felizmente pode ser escutada de infinitas formas. Saliento, ainda, que não pretendo abordar o país a partir de um olhar clínico, como se este fosse um paciente. Tal tarefa exigiria uma sensibilidade mais plural, outro tipo de atenção. Reitero que escuto, aqui, apenas uma dor. Não há intenção de esgotar nada, encontrar encaixes perfeitos, tampouco de produzir verdades. Espero, justamente, aproveitar tal condição para percorrer pela teoria de forma mais livre e, ao destacar aquilo que é típico do sujeito melancólico, estabelecer paralelos com o Brasil. Busco edificar uma reflexão metafórica a partir de uma escuta sociopolítica. A ideia é, finalmente, impulsionar uma crítica acerca da realidade que lance luz sobre determinados caminhos. Vamos lá.

1 S. Freud, *A transitoriedade*, p. 189.



*apesar de serem fenômenos
de bases independentes,
as desigualdades que imperam
no Brasil se cruzam
e se sobrepõem
em um processo histórico
que não permite
mais segregá-las*

Brasil, o hospedeiro cansado

O Brasil é cenário de absurdas catástrofes sociais desde que o projeto civilizatório colonialista aqui desembarcou. Dentro desse universo dominado pela hegemonia eurocentrada, constituiu-se um país que se tornou palco de múltiplas desigualdades. Estas já passaram por roupagens distintas e é possível, sem qualquer hesitação, denunciar sua manutenção ao longo do tempo. Apesar de serem fenômenos de bases independentes, as desigualdades que imperam no Brasil se cruzam e se sobrepõem em um processo histórico que não permite mais segregá-las. Destaco as desigualdades resultantes de uma sociedade de classes, patriarcal, racista. Sua complexa intersecção forja toda uma subjetividade que tem como ingrediente principal uma violência estrutural responsável pela violação de direitos básicos, inclusive o direito à vida. Essa violência leva à morte. Aqui, o genocídio é sistemático, uma prática histórica transmitida por gerações que matam. Há mais de quinhentos anos assassinamos índios, negros, pobres, mulheres, pessoas LGBTQIA+ e sujeitos de qualquer outro grupo que, aos olhos do projeto colonialista, precisam estar na condição de minoria simbólica.

Entendo que o Brasil vive uma melancolia justamente por nunca ter se havido com a morte que sempre esteve presente, escravizada, catequizada, torturada, encarcerada, manicomializada, infectada. A morte não é a única consequência da violência aqui operada, mas pode, sem dúvida, ser considerada um dos maiores símbolos desta. Uma marca. E o país nunca teve condições de elaborá-la verdadeiramente. Em outras palavras, vivemos uma incapacidade histórica de elaboração. Considero que a forma como uma dada sociedade lida com a morte e a tragédia tem íntima relação com as mortes e tragédias que seguem se repetindo. Sabemos, no que toca o sujeito, que o trabalho de luto leva para um caminho, e a melancolia, para outro. Acredito que tal equação se aplique igualmente às sociedades.

Encarar verdadeiramente a morte enquanto parte da realidade culminaria numa mudança. No caso do sujeito melancólico, é a modificação da tópica psíquica que é evitada. No caso do Brasil, podemos pensar que é a modificação dessa lógica de dominação que privilegia uns e mata outros, dessa ordem social, que é evitada. Consequentemente, uma fantasia é produzida, tanto pelo sujeito como pela nação. A partir de Abraham e Torok², entendo a fantasia como toda representação, crença ou estado de corpo que visa à manutenção de um *status quo*, a meu ver, seja da realidade psíquica ou social. Como postulado pelos autores, a fantasia do melancólico cumpre uma função preservadora e é acionada para resistir a uma mudança. Para não lidar com a perda, imagina-se engolindo-a, lidando com ela de forma mágica. Se a perda fosse ratificada, isso exigiria uma recomposição evitada graças à fantasia.

No âmbito social, as fantasias protetoras da ordem colonialista operam nas mais diversas camadas, naturalizando tudo aquilo que deveria ser vivido com impacto, choque e perplexidade. Os brasileiros estão historicamente acostumados a estarem hierarquizados sem que isso seja questionado. Ao contrário, isso é justificado e mantido diariamente por meio de práticas, crenças e valores. Destaco a lógica meritocrática, originada de

um falso princípio de igualdade muito propagado pela modernização que o Brasil importou do “primeiro mundo”³. Acrescento que a percepção de condições precárias de existência é obscurecida por um arsenal de justificativas normalizadoras como, além das ideias meritocráticas, as de trajetórias individuais fracassadas, de sujeitos azarados ou sortudos⁴. Aqui, pobre é considerado “o preguiçoso que mama nas tetas do Estado”. Isso quando o negro não é considerado “o avantajado por políticas de cotas”. Fantasias estas que nos fazem ignorar qualquer consideração por pré-condições na determinação dos lugares sociais. Elas justificam as coisas tal como estão produzindo a impressão de que, assim, elas são.

Vale lembrar, também, de uma forma de legitimação da imposição da violência que anda na moda: considerar que alguns cidadãos são “de bem”, e, outros, “de mal”. Sobre isso, muito pode-se pensar a partir do texto freudiano “Psicologia das massas e análise do eu”, o que é uma tentação, mas não cabe na presente reflexão. Atento para a ideia de que dicotomizar a população acreditando que certos sujeitos são desarrazoados é mais uma fantasia que atua em prol da manutenção da ordem social. Seus efeitos práticos podem ser identificados, por exemplo, no aumento da compra de armas. Foram revogadas portarias e, paralelamente, flexibilizados os requisitos e burocracias que antes envolviam a compra de uma arma. Nos primeiros quatro meses deste ano, foram registradas 48,3 mil novas armas no Brasil, o que equivale a seis vezes a média de 2010 a 2014⁵. Isso indica que a imposição da violência tem sido legitimada por fantasias que determinam o valor das vidas e, ainda, tem sido instrumentalizada por armas.

2 N. Abraham e M. Torok, *A casca e o núcleo*.

3 J. Souza, “A gramática social da desigualdade brasileira”, in *A invisibilidade da desigualdade brasileira*.

4 L. Santos, A. Mota e M. Oliveira, “A dimensão subjetiva da subcidadania: considerações sobre a desigualdade social brasileira”, *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 33, n. 3.

5 R. Buono e A. Rossi, “O Brasil se arma”, *Revista Piauí*, 22 jun. 2020.

6 N. Abraham e M. Torok, *op. cit.*

7 M. Pinheiro, R. Quintella e J. Verztman, “Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia”, *Psicologia Clínica*, v. 22.

8 N. Abraham e M. Torok, *op. cit.*

»
*quando certas palavras
não podem ser articuladas,
a fantasia se torna
depositária do que não
tem nome, um alimento
ilusório que enche a boca.
O eu devora o objeto*

A violência tem sido vista como solução. É o cúmulo da incitação à morte. É a evidência de que a incorporamos da forma mais doentia. Afinal, “bandido bom é bandido morto”.

A partir de Abraham e Torok⁶, compreendo que a fantasia do melancólico surge para tomar aquilo que é inominável, por meio de sua incorporação. Quando certas palavras não podem ser articuladas, a fantasia se torna depositária do que não tem nome, um alimento ilusório que enche a boca. O eu devora o objeto⁷. A incorporação atua como uma espécie de antimetáfora, justamente porque não foi possível atribuir palavra diante do vazio oral original. É mero reparo no imaginário. Ela toma o lugar da introjeção que não pôde ocorrer, denunciando uma lacuna. E então, quando a perda é indizível, instala-se dentro do sujeito uma sepultura secreta, como se as lágrimas que não caíram fossem engolidas e postas em conserva. Forma-se, a partir disso, um correlato objetual da perda, uma cripta. A perda está tão bem escondida que se torna difícil identificar um sujeito criptóforo. Está neutralizada e anulada⁸.

Impossível observar o cenário pandêmico atual e não o considerar uma amostra perfeita da forma como incorporamos a tragédia. Quase esquecemos que nos últimos 8 meses somamos mais



*um país que produz
sistematicamente uma violência
genocida simbolizada
pela morte regride de forma
exponencial. A nação edificou-se
“sem perceber que era subtraída,
em tenebrosas transações”,
como cantou Chico Buarque
em 1984.*

100

PERCURSO 66 : junho 2021

de 160 mil mortes. Mortes, majoritariamente, concentradas na base da pirâmide social. Quase esquecemos, igualmente, que as doenças trazidas pelos europeus nos séculos XVI e XVII foram capazes de dizimar por volta de 95% da população indígena⁹. Qualquer semelhança com os dias atuais não é mera coincidência. É história de dominação. Agora, não foram os europeus que trouxeram o vírus, mas, sim, os brasileiros, descendentes desses mesmos europeus, que passam Carnaval na Itália ou que negociam com a China. Enfim, continuam morrendo os mesmos desde que o Brasil foi batizado. Hoje, morrem pelo subfinanciamento do SUS e pela violação do direito de ficar em casa. Morrem assassinados por violência policial, encarcerados nas prisões e manicômios, e por outras impensáveis formas de precarização da vida.

Sempre houve um consenso implícito que confere importância a algumas vidas e insignificância a outras. Há uma invisibilidade de mortes, as quais nem entram para as estatísticas. No contexto da pandemia, Butler¹⁰ expõe que lidamos com uma crise de valores tremenda, à medida que a vida é gerenciada a partir de esquemas de custo-benefício que acabam designando as vidas precárias como vidas dispensáveis. Sacrificamos pessoas. Entendo, a partir disso, que incorporar

a morte de uma parcela da população e manter a pose é a habilidade mais característica do funcionamento criptóforo brasileiro. Desaparecer com mortos, engolindo-os, é nossa especialidade. É como a mágica súbita da incorporação, que torna possível não ratificar aquilo que abalaria a realidade social de forma avassaladora.

Como trazem Abraham e Torok¹¹, pensando no sujeito, a passagem da boca cheia de seio para a boca cheia de palavras ocorre por meio da experiência de vazio de boca. Isso demanda a presença constante de uma figura materna que sustente essa boca vazia. É dessa forma que as palavras aparecem para substituir a presença materna e dar lugar a introjeções. Operar essa passagem implica conseguir que a presença do objeto seja substituída pela autoapreensão de sua ausência. A linguagem, assim, supre a ausência por meio da figuração da presença. A partir de noções freudianas trazidas por Abraham e Torok¹², entendo que a introjeção é um processo de ampliação, pois consiste na inclusão do conjunto das pulsões objetivas no eu. É como se a ratificação da perda, paradoxalmente, promovesse crescimento. Na incorporação, inversamente, o eu regride, as palavras são vazias. Ocorre um empobrecimento subjetivo pois a perda do objeto transforma-se em uma perda do eu¹³.

Um país que produz sistematicamente uma violência genocida simbolizada pela morte regride de forma exponencial. A nação edificou-se “sem perceber que era subtraída, em tenebrosas transações”, como cantou Chico Buarque em 1984. Optamos por recusar aquilo que permitiria nos expandir. Diante da catástrofe da morte, literalmente dizemos: “E daí?”. Tal qual ocorre na incorporação, as palavras esvaziaram-se. Seguimos preservando a realidade social, tornando-a inabalável.

Ademais, no quadro melancólico, não há investimento de um olhar libidinizador da figura materna suficiente para que o sujeito seja atingido e forje, para si, uma autoimagem capaz de cultivar um amor próprio de tipo jubilatório. Como se o olhar da figura materna não tivesse circunscrito o que viria a ser sujeito, produzindo, dessa maneira,

uma deserção de desejo do Outro. A exclusão do sujeito da pluralidade identificatória leva-o, conseqüentemente, a identificar-se ao nada¹⁴. Há um esvaziamento do eu ideal.

Quem nos pariu enquanto país, certamente, não nos libidinizou o bastante. Não houve intenção alguma de que nos tornássemos alguém. Nossa pátria não foi tão amada quanto parece. Ao contrário, nosso nome de batismo refere-se à matéria-prima que de nós foi arrancada sem piedade alguma. No cenário deste projeto colonialista atualizado pela modernização, o Brasil é periferia. É terceiro mundo. É subdesenvolvimento. Como aponta Turriani¹⁵, somos todos subalternizados (e não subalternos, dado que essa não é nossa condição e, sim, produto de um processo histórico). A subjetividade que foi aqui constituída visa responder a uma lógica colonialista que tem, como ideal civilizatório, o homem branco, cristão e europeu. Este colocado no lugar de sujeito universal. E essa resposta, desde sempre, opera pela via da servidão. A colônia serve à metrópole. Mesmo após duvidosa independência, seguimos na posição alienada. Impuseram-nos a forma de vida europeia na expectativa de que fôssemos mero espelho, reflexo ou cópia malfeita. Somente assim ter-se-ia a garantia de que estaremos sempre a serviço, no lugar dos dominados. Por vezes, a cópia é tão fiel que nos achamos como eles, o que é perfeitamente ilustrado por *Bacurau*¹⁶. Nascidos em berço esplêndido, quase tão brancos. Mas a camuflagem é facilmente desmascarada e descamba, como de costume, em morte.

9 E. Montalti, "Livro revela papel de doenças (e curas) na formação do país", *Jornal da Unicamp*, n. 490.

10 J. Butler, *apud* G. Yancy, "O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades", *Carta Maior*, 4 maio 2020.

11 N. Abraham e M. Torok, *op. cit.*

12 N. Abraham e M. Torok, *op. cit.*

13 S. Freud, *Luto e melancolia*.

14 M. Pinheiro, R. Quintella e J. Verztman, *op. cit.*

15 A. Turriani, "Psicanálise nas margens: combate à violência estatal", comunicação oral na *Semana de Psicanálise da PUCSP*.

16 K. Mendonça Filho e J. Dornelles, *Bacurau*.

17 P. Fédida, *Dos benefícios da depressão: Elogio da psicoterapia*.

18 S. Freud, *op. cit.*, p. 213.

19 M. Pinheiro, R. Quintella e J. Verztman, *op. cit.*

»
recai, sobre o eu
esvaziado, a sombra
do objeto. Isso ocorre
justamente porque o eu
não se constituiu nessa
diferenciação, o objeto inicial
não fez a função necessária
e o eu o mantém
dentro, em bloco

Isso aponta para outro aspecto da melancolia. A partir de Fédida¹⁷, compreendo que não há necessariamente algo que foi perdido mas, sim, algo que nunca foi encontrado, algo que nunca foi constituído. Recai, sobre o eu esvaziado, a sombra do objeto. Isso ocorre justamente porque o eu não se constituiu nessa diferenciação, o objeto inicial não fez a função necessária e o eu o mantém dentro, em bloco. A melancolia é entendida como uma neurose narcísica exatamente porque a distinção entre o eu e o outro é turva. Isto posto, em vez da catexia erótica dirigida aos objetos, faz-se uma identificação narcisista com estes. Em outras palavras, conforme postulado por Freud¹⁸, "a identificação narcísica com o objeto torna-se então um substituto do investimento amoroso".

Diante da identificação narcisista com o objeto perdido, o eu sofre um massacre, o que decorre do ódio dirigido a um objeto que está dentro. As recriminações são, originalmente, dirigidas ao objeto perdido. Dado que este foi acooplado ao próprio eu, faz-se autorrecriminações. Na tentativa de se vingar do objeto, produz-se um atentado a si mesmo¹⁹.

Dando sequência ao paralelo à nação, compreendo que, tal como o melancólico, não fomos capazes de entender quem somos, as distinções



*o luto é uma forma
de lidar com a finitude,
com a transitoriedade da vida.
Tem como finalidade
a reinserção no circuito
desejante, é desinvestir
para, posteriormente,
reinvestir*

são turvas e as identificações, narcisistas. Acrescento que o melancólico coloca o objeto no lugar de ideal do eu. No Brasil, paralelamente, perseguimos um ideal colonialista eurocentrado na intenção de termos algo que aqui nunca existiu, tampouco existirá enquanto o ideal for este. Diante da incapacidade de instituir essa diferença, seguiremos incorporando subitamente a mais devastadora das violências. Seguiremos com a sombra, nos identificando com aquilo que sempre esteve perdido e nos esvazia diariamente. Seguiremos nos armando e nos matando. Precisamos nos descolar desse ideal e construir uma narrativa própria de nação, que resgate nossa origem que foi apagada, que enalteça nossa cor que foi embranquecida, que escute nosso som que foi silenciado.

Acrescento, ainda, que o abandono de construções ideais que aqui nunca passaram de ilusão permite uma inclinação àquilo que nos é próprio, analogamente ao que é visado num processo de análise. Fazer análise é um processo de abandono de quem achamos que somos. Checchia²⁰, na busca por entender o que pode propiciar a passagem da alienação à verdade na experiência psicanalítica, leva-nos a compreender que se trata de um saber que não é ensinado e, sim, rememorado.

Cabe ao analista, assim, interrogar de forma a incitar esse saber que está no sujeito e que corresponde à sua verdade. A palavra *alétheia*, em grego, que significa verdade, remete ao que é lembrado. A verdade, então, é não esquecer. É construir memória. Tal qual se visa numa análise, cabe ao Brasil questionar-se de forma a incitar a construção de sua memória, tomando uma posição de apropriação de um saber que sempre nos foi arrancado pelos mais diversos epistemicídios. Essa memória inclui a inscrição da tragédia, a introjeção da morte e a ratificação da perda para que, enfim, nossa verdade seja encontrada. Precisamos esvaziar a boca de forma ineditamente sustentada, permitindo a emergência de novas palavras. Precisamos fazer luto.

O trabalho do luto

O luto é um trabalho árduo em que, em vez de recusar a perda, faz-se sua elaboração. Exige a passagem do tempo, dado que a introjeção é um processo. E implica um coletivo, pois é um processo da e na linguagem. Como apontam Abraham e Torok²¹, quando a perda é dividida e compartilhada num coletivo de linguagem, já houve introjeção. O psiquismo se funda a partir do luto, dado que, desde o nascimento, o bebê depara com perdas que precisam ser ratificadas. Assim, o luto é uma forma de lidar com a finitude, com a transitoriedade da vida. Tem como finalidade a reinserção no circuito desejante, é desinvestir para, posteriormente, reinvestir. O luto é um trabalho de construção de narrativa, de dar lugar àquilo que foi perdido. De acordo com Butler²², “há perda, como a conhecemos, mas há também seu poder transformador, que não pode ser mapeado ou planejado”. E o objeto perdido que demanda o luto é, antes disso, amado; é investido amorosamente. O luto é sobre a perda de um objeto de amor.

Concluo que o cerne do problema é afetivo. A pátria que não foi amada poderia amar-se. Isso significaria que o efeito de cada vida a menos seria

verdadeiramente sentido enquanto perda. O sujeito do ódio está ali, fascinando por meio de uma estratégia que é, antes de política, subjetiva. É a essa camada que precisamos nos atentar. Em outras palavras, precisamos nos amar para nos tornarmos vulneráveis ao impacto da nossa própria morte.

No caso de pacientes melancólicos, cabe ao analista reconhecer a dor e oferecer tempo. Cabe ao analista, ademais, reconhecer o amor e não o ódio para que, lentamente, as incorporações cedam lugar a novas introjeções. Faz-se, deste modo, o luto do melancólico²³. É necessário o atravessamento de fantasias. A cura implica, essencialmente, perder. É dever do analista, ainda, imaginar o inimaginável. Caso contrário, corre-se o risco de negligenciar o que realmente aconteceu²⁴. Uma nação não se deita no divã, infelizmente, mas é composta por sujeitos capazes de encarar aquilo que é mais mortífero, supondo que, sempre, poderia ser pior. Precisamos nos inclinar ao horror.

Devemos lembrar que todo sintoma se origina a partir de um sofrimento que está ali, escondido. A responsabilidade de escutar essa dor é ética e de todos. Exige a mais profunda implicação. Se o

»
devemos lembrar que todo sintoma se origina a partir de um sofrimento que está ali, escondido. A responsabilidade de escutar essa dor é ética e de todos. Exige a mais profunda implicação

luto permite a construção de uma nova narrativa, precisamos então encarar esse trabalho, retroceder à dívida e, enfim, reescrever toda uma história. Precisamos viver a tragédia. E dar espaço ao abalo da realidade social, isto é, à transformação que ela nos produz. Como diz Gilberto Gil, sabiamente, “tem que morrer pra germinar”.

20 M. Checchia, *Sobre a política na obra e na clínica de Jacques Lacan*, tese de doutorado em Psicologia Clínica.

21 N. Abraham e M. Torok, *op. cit.*

22 J. Butler, “Violência, luto, política”, in *Vida precária: Os poderes do luto e da violência*, p. 41.

23 N. Abraham e M. Torok, *op. cit.*

24 P. Fédida, *apud* C. Koltai, “Do relato ao testemunho”, in *Travessia do silêncio, testemunho e reparação*.

Referências bibliográficas

- Abraham N.; Torok M. (1995). *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta.
- Buono R.; Rossi A. (2000). O Brasil se arma. Revista *Piauí*, [s.l.], 22 jun. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/o-brasil-se-arma/>>. Acesso em: 18 out. 2020.
- Butler J. (2019). Violência, luto, política. In: _____. *Vida precária: Os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica. p. 39-72.
- Checchia M.A. (2012). *Sobre a política na obra e na clínica de Jacques Lacan*. 365 f. Tese de doutorado em Psicologia Clínica – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Fédida P. (2009). *Dos benefícios da depressão: Elogio da psicoterapia*. São Paulo: Escuta.
- Freud S. (1916/2016). *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. *Jornal de Psicanálise*, [s.l.], v. 49, n. 90, p. 207-224.
- _____. (1917/2010). A transitoriedade. Trad. Paulo César de Souza. In Sigmund Freud: *Obras Completas*, v. 12. São Paulo: Companhia das Letras. p. 185-189.
- Koltai C. (2015). Do relato ao testemunho. In Júnior, M. R. S.; Marcadante, I. F. S. (Coords.) *Travessia do silêncio, testemunho e reparação*. São Paulo: Instituto Projetos Terapêuticos.
- Mendonça Filho K.; Dornelles J. (2019). *Bacurau*. Brasil: Globo Filmes, Vitrine Filmes.
- Montalti E. (2011). Livro revela papel de doenças (e curas) na formação do país. *Jornal da Unicamp*, Campinas, n. 490. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/abril2011/ju490_pago3.php#>. Acesso em: 7 nov. 2020.
- Pinheiro M.; Quintella R.; Verztman J. (2010). Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2.
- Santos L.N.; Mota A.M.A.; Oliveira M.V. (2013). A dimensão subjetiva da subcidadania: considerações sobre a desigualdade social brasileira. *Psicologia, Ciência e Profissão*, Salvador, v. 33, n. 3.
- Souza J. (2006). A gramática social da desigualdade brasileira. In: _____. (Org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- Turriani A. (2020). Psicanálise nas margens: combate à violência estatal. In *Semana de Psicanálise da PUCSP*, São Paulo.
- Yancy G. (2020). Judith Butler: O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades. *Carta Maior*, [s.l.], 4 maio. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?%2Feditoria%2Fpelo-mundo%2Fjudith-butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades%2F6%2F47390&fbclid=IwAR13bzUNJfdmTIFDzMY2FnTRK6b5LOH_z2rvfjsnzU7V3w6qsjTjH9zMYQ#.xwx9KqHFATd.whatsapp>. Acesso em: 15 out. 2020.

It has to die in order to germinate

Abstract Having the psychoanalytic theory as a core base, this article's main objective is to highlight what is typical of the melancholic subject and set a parallel with Brazil. It is understood that the country is the stage of a structural violence that incorporates death, with a special consideration to the systematic genocide of a part of its population. This piece seeks to build a metaphoric reflection drawn from a socio-political listening, which will shed light on certain paths.

Keywords structural violence; death; melancholy; incorporation; grief; introjection.

Texto recebido: 01/2021

Aprovado: 03/2021